

Conjugação de verbos derivados pelos falantes do Português L2 em contexto de sala de aulas em Moçambique: caso dos verbos *intervir*, *deter* e *prever*

Bonete Júlio João Chana *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-1430-6743>

RESUMO

A presente pesquisa prende-se à abordagem de verbos derivados com o objetivo de compreender as razões do fraco domínio de conjugação dos verbos *intervir*, *deter* e *prever* pelos falantes do Português L2. No processo de comunicação, a conjugação verbal é um ato inevitável, pois é através deste que o homem articula e manipula os verbos para transmitir e receber informação e, para os falantes da Língua portuguesa, como L2, a conjugação dos verbos derivados gera determinados problemas, sobretudo, os verbos *intervir*, *prever* e *deter*. Metodologicamente, esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-bibliográfico, que faz uso do método indutivo e, os dados apresentados foram coletados a partir de observação e roteiro de entrevista a estudantes de nível académico de 12ª classe e professores de Língua portuguesa de três (3) escolas situadas na Cidade de Chimoio. A pesquisa baseia-se nos estudos teóricos de gramáticos como Tufano (1991); Monteiro & Pessoa (1999); Figueiredo & Figueiredo (2001); Coimbra & Coimbra (2002); Bechara (2009); Figueiredo & Bizarro (2004); Sardinha & Ramos (2004); entre outros. Os resultados do estudo permitiram concluir que as razões do fraco domínio de conjugação dos verbos *intervir*, *deter* e *prever* pelos falantes do Português L2 resumem-se no não conhecimento das regras de conjugação de verbos primitivos (associado à fraca leitura de Gramáticas de Língua portuguesa), verbos dos quais os verbos *intervir*, *deter* e *prever* derivam, fraca incidência na abordagem dos verbos derivados em sala de aulas por parte dos professores e as estratégias didáticas usadas pelos professores na lecionação.

PALAVRAS-CHAVE

Lexicologia; Verbos irregulares; Conjugação verbal

Conjugation of derived verbs by Portuguese L2 speakers in a classroom context in Mozambique: case of the verbs *intervene*, *deter* and *foresee*

ABSTRACT

The present research deals with the approach of derived verbs aiming to understand the reasons for the poor domain of conjugation of the verbs *intervene*, *deter* and *foresee* by Portuguese L2 speakers. In the communication process, verbal conjugation is an inevitable act, as it is through this that man articulates and manipulates verbs to transmit and receive information and, for Portuguese speakers, such as L2, the conjugation of derived verbs generates certain problems, above all, the verbs to intervene, deter and foresee. Methodologically, this is a qualitative, descriptive-bibliographical research, which uses the inductive method, and the data presented were collected from observation and an interview script with 12th grade academic level students and Portuguese language teachers from three (3) schools located in Chimoio city. The research is based on the theoretical studies of grammarians such as Tufano (1991); Monteiro & Pessoa (1999); Figueiredo & Figueiredo (2001); Coimbra & Coimbra (2002); Bechara (2009); Figueiredo & Bizarro (2004); Sardinha & Ramos (2004); and others. The results of the study allowed us to conclude that the reasons for the weak domain of conjugation of the verbs to intervene, deter and foresee by the Portuguese L2 speakers can be summarized in the lack of knowledge of the conjugation rules of primitive verbs (associated with the poor reading of Portuguese Language Grammars), verbs from which the verbs to intervene, deter and foresee derive, the weak incidence

* Graduado em Ensino do Português com Habilitações em Ensino de Inglês pela Universidade Licungo | Docente no Instituto Médio Politécnico de Moçambique, Distrito de Chimoio, Província de Manica. E-mail: bonetechaha@hotmail.com

in the approach of derived verbs in the classroom by teachers and the didactic strategies used by teachers in teaching.

KEYWORDS

Lexicology; Irregular verbs; Verb conjugation

Mnyambuliko wa vitenzi vinavyotoholewa na wazungumzaji wa Kireno L2 katika muktadha wa darasani nchini Msumbiji: hali ya vitenzi kuingilia kati, kuzuia na kuona mbele

MUHTASARI

Utafiti huu unahusu mkabala wa vitenzi vinavyotoholewa kwa lengo la kuelewa sababu za eneo mbovu la mnyambuliko wa vitenzi kuingilia kati, kuzuia na kutabiriwa na wazungumzaji wa Kireno L2. Katika mchakato wa mawasiliano, mnyambuliko wa maneno ni kitendo kisichoweza kuepukika, kwani ni kwa njia hii kwamba mwanadamu hutamka na kuendesha vitenzi ili kupitisha na kupokea habari na, kwa wazungumzaji wa Kireno, kama vile L2, mnyambuliko wa vitenzi vinavyotokana huzalisha matatizo fulani, zaidi ya yote. vitenzi kuingilia kati, kuzuia na kuona mbele. Kimethodolojia, huu ni utafiti wa ubora, kimaelezo-biblia, unaotumia mbinu ya kufata neno, na data iliyowasilishwa ilikusanywa kutoka kwa uchunguzi na hati ya mahojiano na wanafunzi wa ngazi ya kitaaluma wa darasa la 12 na walimu wa lugha ya Kireno kutoka shule tatu (3) zilizopo katika jiji la Chimoio. Utafiti huu umejikita katika tafiti za kinadharia za wanasarufi kama vile Tufano (1991); Monteiro & Pessoa (1999); Figueiredo & Figueiredo (2001); Coimbra & Coimbra (2002); Bechara (2009); Figueiredo & Bizarro (2004); Sardinha & Ramos (2004); na wengine. Matokeo ya utafiti yalituruhusu kuhitimisha kwamba sababu za kiko dhaifu cha mnyambuliko wa vitenzi kuingilia kati, kuzuia na kutabiriwa na wasemaji wa Kireno L2 zinaweza kufupishwa kwa kukosekana kwa ufahamu wa sheria za mnyambuliko wa vitenzi vya asili (zinazohusishwa na usomaji duni wa Sarufi za Lugha ya Kireno), vitenzi ambapo vitenzi kuingilia kati, kuzuia na kuona hutoka, matukio hafifu katika mkabala wa vitenzi vitokanavyo darasani na walimu na mikakati ya didactic inayotumiwa na walimu katika ufundishaji.

MANENO MUHIMU

Leksikolojia. Vitenzi visivyo vya kawaida. Mnyambuliko wa vitenzi.

Introdução

Moçambique é um país linguisticamente heterogéneo, onde coabitam diversas línguas nativas essencialmente de origem *Bantu* e o Português. Dado que a política linguística, em Moçambique, adoptou o Português, a língua do ex-colonizador, como Língua oficial e um dos símbolos de unidade nacional, isto é, seria usada em contextos institucionais ou áreas afins. Apesar de a Língua Portuguesa ter um estatuto de Língua oficial, ela não é dominada por todos moçambicanos, sobretudo, a maior parte da população usa simplesmente as línguas bantu, no seu contexto diário, constituindo, de certa forma, um significativo contributo para o surgimento das variedades linguísticas, que são consideradas como transgressão à Norma Culta do Português, tanto falado como escrito, em várias Gramáticas, Dicionário, Prontuário, entre outros manuais. Estas variações registam-se em vários níveis, fonético-fonológico, semântico, morfológico, sintático e pragmático.

Em relação aos “erros” de natureza morfológica, surgem com frequência, tanto na oralidade como na escrita, nas sentenças de estudantes na Cidade de Chimoio, ao invés

de *deteve*, emprega-se **deteu*, nas sentenças. Sendo *deter* um verbo derivado, estudantes apresentam dificuldades na conjugação deste tipo de verbo. Deste modo, a confusão de regras constitui, na conjugação dos verbos derivados, um desvio à Norma Culta do Português.

Dessa forma, é difícil cometer-se erro de conjugação dos verbos primitivos, tanto no presente, como no passado ou no futuro, mas quando se trata de conjugar os verbos derivados, a realidade é contrária. Para os falantes da Língua portuguesa, como L2, a conjugação dos verbos derivados gera determinados problemas, sobretudo, os verbos *intervir*, *prever* e *deter*, esses têm sido frequentes nas sentenças proferidas pelos estudantes do Ensino secundário na Cidade de Chimoio, fato que constitui um desvio da Norma Padrão da Língua portuguesa, como em¹:

- (1) **O professor também entrevistou no assunto de debate. (= ... interveio...).*
- (2) **A polícia deteu os manifestantes. (=...deteve...)*
- (3) **O marinheiro preveu o estado de tempo antes de se fazer ao mar. (=...previu..)*

Este desvio de conjugação é um caso que diz respeito ao Português falado em Moçambique e, de certa forma, ouve-se no discurso de muitos moçambicanos, quer na televisão, na rádio, quer nas conversas formais. Com efeito, a abordagem deste tema ganha sua justificativa e relevância partindo da ideia segundo a qual o homem é um ser ligado à sociedade por meio de muitos vínculos, onde a cultura e a língua fazem parte. Portanto, o homem é o único ser que tem a língua como ferramenta de comunicação. E, uma língua falada, obedecendo-se ao padrão aceite, permite uma boa e saudável compreensão entre os homens. Nessa linha de pensamento, está-se convicto de que sanar ou reduzir os problemas de conjugação dos verbos derivados, constituirá mais-valia para a ciência e para a sociedade, pois a conjugação verbal é, de acordo com Norma padrão do Português, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho comunicativo mais satisfatório.

Assim, diante deste aparato, propõe-se a abordagem deste tema com a finalidade de responder à seguinte pergunta de partida: Quais as razões do fraco domínio de conjugação dos verbos derivados *intervir*, *deter* e *prever* pelos falantes do Português L2? Metodologicamente, esta é uma pesquisa qualitativa, de carácter descritivo-bibliográfico, que faz uso do método indutivo e, os dados apresentados foram coletados a partir de

¹ Frases proferidas pelos falantes (estudantes) na cidade de Chimoio.

observação e roteiro de entrevista aos estudantes de nível acadêmico de 12^a classe e aos professores de Língua portuguesa de três (3) escolas situadas na Cidade de Chimoio. Foi através da observação que se analisou atenciosamente como os falantes conjugam os verbos derivados.

No que refere à entrevista semi-estruturada dirigida aos estudantes, vale referir que a entrevista continha três (3) exercícios sobre os verbos *intervir*, *prever* e *deter*. No primeiro exercício, o participante tinha de assinalar com “I” as frases incorretas e com “C” as frases corretas, considerando a conjugação verbal adequada. No segundo exercício, o participante tinha de completar as frases, escolhendo a opção que contivesse o verbo corretamente conjugado. E, no último exercício, o participante tinha de elaborar três (3) frases da sua autoria, empregando os verbos *intervir*, *deter* e *prever*. Portanto, a entrevista aos professores continha quatro (4) perguntas abertas, que foram respondidas dentro de uma conversação formal. Esta maneira auxiliou a obter melhor esclarecimento sobre a abordagem dos verbos derivados no processo de ensino-aprendizagem.

2. Conjugação verbal e a noção de verbo: preceitos gramaticais

No processo de comunicação, a conjugação verbal é um ato inevitável, pois é através deste que o homem articula e manipula os verbos para transmitir e receber informação. Por outro lado, como escreveu Chaha (2023a), o verbo é uma classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo, aspeto e voz e, esta classe apresenta maior mutabilidade que, de certa forma, proporciona dificuldades aos falantes aprendizes do Português, na conjugação.

No entender de Figueiredo & Bizarro (2004, p. 65), conjugação verbal diz respeito “às modificações flexionais da forma do verbo”. Ainda as autoras explicam que “conjugação um verbo é dizê-lo, numa ordem convincente em todos os tempos, pessoas, modos, número e vozes”. Para Monteiro & Pessoa (1999, p. 18), conjugação é um conjunto de todas as flexões do verbo de modo, tempo, número e voz.” Ainda as autoras realçam que conjugação um verbo é dizê-lo em todas essas formas”.

Conjugação um verbo é, na concepção dos gramáticos, um ato de flexionar um verbo de acordo com o modo (indicativo, conjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito e futuro), número (primeira, segunda, terceira) e voz (ativa, passiva). Na reflexão de Bechara (2009), “conjugação um verbo é dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes”.

A conjugação verbal é um processo ou ato linguístico que consiste em apresentar o verbo em suas diferentes categorias morfossintáticas de modo, tempo, número, pessoa e voz. Nesse contexto, assume-se que os falantes tenham o domínio pleno destas categorias morfossintáticas, incluindo a conjugação dos verbos derivados. Portanto, um verbo é considerado corretamente conjugado, quando a sua forma obedece às categorias morfossintáticas de modo, tempo, pessoa, número, voz.

Analisado nesse prisma, Cunha & Cintra (2017, p. 393) definem verbo como “a palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. E, na visão de Monteiro & Pessoa (1999, p. 8), “é uma palavra variável, que desempenha na oração a função de predicado, exprime o que passa; um estado permanente! [...] caracteriza-se por trazer em si uma ideia temporal”. Para Bechara (2009), entende-se por verbo “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”. Na visão de Cipro Neto & Infante (2008), verbo é:

A palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexa). Pode indicar ação (fazer, copiar), caráter de estado (ser, ficar), fenómeno natural (chover, anoitecer), ocorrência (acontecer, suceder), desejo (aspirar, almejar) e outros processos (p. 127).

Portanto, verbo é a palavra ou elemento sintático que desempenha a função de predicado e, esta palavra exprime a ideia e/ou sentido frásico. E, pode notar-se, a partir da definição dos autores, que o que caracteriza ou define o verbo são suas flexões, e não necessariamente seus possíveis significados.

2.1 O conceito de derivação: derivação prefixal

No âmbito da Lexicologia, a derivação é um processo morfológico de formação de palavras, que consiste na geração de palavras a partir de constituintes, os quais recebem o nome de afixos e/ou elemento base e, as palavras geradas chamam-se derivadas. O conceito de derivação pode ser definido como sendo “o processo de formação de palavras a partir de outras, que cria palavras novas, as quais se chamam derivados. Estes derivados apresentam sempre uma relação semântica ou uma relação formal com a palavra original” (SARDINHA & RAMOS, 2004, p. 61). No entender de Figueiredo & Figueiredo (2001), a derivação consiste:

Na composição de uma nova palavra de que só um dos elementos constitutivo e susceptível de figurar de maneira autónoma num enunciado. **Refazer comumente** nos exemplos dados os vocábulos fazer e comum estão aptos a aparecer isoladamente num enunciado o mesmo não acontece com **re-** e **-mente**, que se manifesta exclusivamente nas formações derivadas (p. 58).

Olhando para a os postulados acima, derivação é o processo morfológico que consiste na modificação da palavra primitiva por meio de acréscimo de afixos, fazendo surgir novas palavras. E, nesse processo, o elemento de base tem a autonomia, ou seja, a capacidade de fazer sentido, quando isolado do seu afixo, mostrando, dessa forma, uma independência, fato que não se pode dizer isto para os elementos que se associam a si, os chamados afixos.

Para Figueiredo & Bizarro (2004, p. 28), derivação é “o resultado da combinação de uma base com afixo, criando-se novas unidades lexicais”. Com efeito, a derivação prefixal seria o processo de formação de uma nova palavra por meio de acréscimo de outro elemento, isto é, o prefixo, à palavra de base ou primitiva, assim como escreveram Sardinha & Ramos (2004, p. 62), “os derivados por prefixação resultam da junção de prefixo à palavra que lhe deu origem, modificando-lhe a significação, mas mantendo-lhe a categoria gramatical, como em²:

- (4) fazer – refazer.
- (5) montar – desmontar.
- (6) cómodo – incómodo.

Por seu turno, Figueiredo & Figueiredo (2001, p. 66) consideram a prefixação “um dos processos que contribuem para a criação de unidades lexicais novas, os neologismos”. Ainda, Figueiredo & Bizarro (2004, p. 28) explicam que, “na prefixação, o afixo é colocado à esquerda da base e forma normalmente, uma base da mesma categoria”, como em³:

- (7) fazer – des+fazer.
- (8) pôr – re+por.

Nos exemplos em alusão, nota-se que os elementos de base *fazer* e *por* encerram o significado da palavra, ou seja, têm existência independente na Língua portuguesa e,

² Exemplos dos autores (Cfr. em SARDINHA & RAMOS, 2004).

³ Exemplos dos autores (Cfr. em FIGUEIREDO & BIZARRO, 2004).

por isso são chamados de palavras de base ou radical⁴, enquanto os elementos mórficos *des* e *re* têm curso dependente, pois não podem constituir palavra e/ou ter existência independente na língua e, neste caso, não alteram a categoria gramatical do radical, embora alterem e/ou emprestem uma nova significação ao radical.

Portanto, a derivação prefixal é compreendida como um processo que resulta do acréscimo de afixo antes da palavra primitiva ou radical, possibilitando a criação de novas palavras com a mesma categoria gramatical, a que se chama de palavra derivada.

2.2 Palavra derivada: caso dos verbos

Como se debruçou anteriormente sobre a derivação como processo morfológico, aqui traz-se a noção de palavra derivada, sobretudo, os verbos. Derivar significa, em lato senso, originar, surgir, advir, emergir, ou melhor, resultar e, nesse contexto, palavra derivada seria, então, aquela que resulta de outra.

A gramática de Coimbra & Coimbra (2002, p. 80) apresenta como derivadas “as palavras que se formam acrescentando pequenos elementos antes ou depois da palavra primitiva (palavra original, isto é, que não se forma a partir de outra)”, como em⁵:

(9) *palavra primitiva – feliz; palavra derivada por prefixação – infeliz; palavra derivada por sufixação – felizmente.*

A partir dos exemplos apresentados pelos gramáticos, observa-se que as palavras assim formadas adquirem novos significados, ou seja, os prefixos e sufixos conferem diferentes sentidos e categorias gramaticais às palavras. De acordo com Pinto & Lopes (2003, p. 91), “chamam-se derivadas aquelas palavras que se formam a partir de outra: água, fazer - à qual se juntou um ou vários prefixos ou sufixos”, como em ⁶:

(10) *aguadeiro, aguar, desaguar, desfazer e refazer.*

Para Cunha & Cintra (2017, p. 82), denominam-se derivadas “as que se formam de outras palavras da língua, mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo. Ex.: fumoso, marinha, novinho e pedreiro”. Assim, para os verbos em apreço,

⁴ Considera-se palavra de base, primitiva ou radical aquela que não é formada a partir de nenhuma outra e que, pelo contrário, permite que dela se origine novas palavras no idioma (Cunha & Cintra, 2017).

⁵ Exemplos das autoras (Cfr. em Coimbra & Coimbra (2002)).

⁶ Exemplos dos autores (Cfr. em Pinto & Lopes, 2003).

intervir, deter e prever, é evidente que as palavras primitivas, ou seja, as bases são *vir, ter* e *ver*, respetivamente, às quais foram acrescentados os prefixos *inter-, de-* e *pre-*, respetivamente.

Coimbra & Coimbra (2002, p. 68) apresentam uma lista dos verbos e seus derivados: *refazer, desfazer, satisfazer, perfazer, rarefazer-se, refazer, refazer-se – derivados de fazer; desimpedir, despedir, despedir-se, impedir, expedir – derivados de pedir; prever, rever – derivados de ver; advir, intervir, convir, provir – derivados de vir.*

2.2.1 Verbos derivados: regras de conjugação

Conjugar um verbo é, como se disse anteriormente, apresentá-lo nas suas diferentes categorias morfossintáticas de tempo, modo, pessoa, número e voz. E, na conjugação dos verbos derivados, é preciso ter em consideração os seus verbos de base. A este respeito, Tufano (1998, p. 205) chama atenção para o uso dos verbos derivados e, diz que “a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *intervir* é *interveio*, pois, este verbo é derivado do verbo *vir*”.

Por seu turno, Coimbra & Coimbra (2002, p. 68) explicam que “os verbos *fazer, pedir, ver* e *vir* são irregulares e, como tal, os seus derivados seguem o mesmo modelo de conjugação”. Para Sardinha & Ramos (2004, p. 231), “conjugam-se como *ter* todos os seus derivados: *ater, conter, deter, obter, reter* e *suster*. Estes derivados levam acento agudo nas formas da 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo, *deténs, detém, susténs, sustém*, etc”.

Nessa linha de pensamento, a conjugação dos verbos derivados obedece ao paradigma dos seus primitivos, ou seja, estes verbos são flexionados seguindo o critério de conjugação dos verbos que lhes deram origem. Por isso, para que não se caia no erro de conjugação, é necessário que se identifique o seu primitivo, apresente-se a sua conjugação e, por último, acrescente-se o prefixo. Em última análise, verifica-se uma diferença na ortografia destes verbos, em comparação com os seus primitivos, esses (o caso de *intervir* e *deter*) são acentuados graficamente nas formas de 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular do imperativo e, estes (o caso dos primitivos) não são acentuados graficamente.

3. Apresentação e discussão de resultados

Os dados apresentados nesta pesquisa são inferidos a partir de variáveis que foram a base de entrevista aos estudantes da 12^a classe e professores de Língua portuguesa de três (3) escolas situadas na Cidade de Chimoio, Província de Manica, codificados com letras do alfabeto de A à O.

3.1 Resultados das entrevistas aos estudantes

No que concerne ao exercício 1, estavam propostos três (3) pares de frases, com o intuito de os participantes identificarem as frases corretas, colocando (C) e, incorretas, colocando (I), tendo em conta a conjugação correta do verbo derivado nas frases dos pares (1), (2) e (3).

No que refere às frases do par (1), os participantes D, H, K e L, consideraram correta a frase a., e os participantes A, B, C, E, F, G, I e J consideraram-na incorreta. E, para a frase b., os participantes D, H, K e L consideraram-na incorreta e, os participantes A, B, C, E, F, G, I e J consideraram-na correta, como se verifica em:

- (1) a. *Quando os cidadãos intervierem com firmeza, teremos uma cidade organizada.* I
b. **Quando os cidadãos intervirem com firmeza, teremos uma cidade organizada.* C

Em relação às frases do par (2), os participantes D, H, K e L consideraram incorreta a frase a., e os outros participantes A, B, C, E, F, G, I e J consideraram-na correta. E, para a frase b., os participantes A, B, C, E, F, G, I e J consideraram-na incorreta e, os participantes D, H, K e L consideraram-na correta, como se vê em:

- (2) a. **Se o Instituto Nacional de Meteorologia prever o tempo, teremos conhecimento do estado do tempo de amanhã.* C
b. *Se o Instituto Nacional de Meteorologia previsse o tempo, teríamos conhecimento do estado do tempo de hoje.* I

Quanto às frases do par (3), os participantes A, B, C, E, F, G, I e J consideraram a frase a. incorreta e, os participantes D, H, K e L consideraram-na correta e, a respeito da frase b., os participantes D, H, K e L consideraram-na incorreta, mas os participantes A, B, C, E, F, G, I e J consideraram-na correta, mas os participantes A, B, C, E, F, G, I e J consideraram-na correta, como em:

- (3) a. *Os policiais não detiveram os suspeitos do assalto ao Banco.* I

b. *Os policiais não deteram os suspeitos do assalto ao Banco. C

Em virtude dos resultados dos exercícios propostos, verifica-se que a conjugação dos verbos patentes nas frases mostra-se deficitária para os estudantes, permitindo concluir que os participantes não têm domínio da conjugação correta dos verbos derivados, propiciando, dessa forma, a transgressão das regras de conjugação dos verbos derivados, pois as formas verbais consideradas, por um lado, corretas e, por outro, incorretas, pelos participantes, em última análise, contradizem aos argumentos trazidos por Coimbra & Coimbra (2002, p. 68), segundo os quais “os verbos fazer, pedir, ver e vir são irregulares e, como tal, os seus derivados seguem o mesmo modelo de conjugação”.

Com efeito, observa-se que há grande disparidade entre o que os participantes consideram correto e o que os gramáticos postulam. Portanto, as opções escolhidas pela maioria dos inquiridos são consideradas incorretas, uma vez que não seguiram as regras de conjugação dos verbos derivados, segundo gramáticos.

Relativamente ao exercício 2, importa referir que estavam propostas três (3) frases, a), b) e c), com três (3) alternativas A, B e C para cada frase, das quais os participantes escolheriam uma (1) para completá-las. Nesse contexto, quanto à frase a), os participantes A, B, C, E, F, G, I e J escolheram a alternativa incorreta, B e, os participantes D, H, K e L escolheram a alternativa correta, A, conforme em:

a) *O Miguel previa que isso pudesse acontecer.

A. *previu*

B. *previa*

C. *preveja*

No que toca à frase b), os participantes D, H, K e L escolheram a alternativa correta, C e, os participantes A, B, C, E, F, G, I e J escolheram a alternativa incorreta, A, como se observa em:

b) *Se eles intervissem com mais calma, não teria ocorrido o tumulto.

A. *intervissem*

B. *interviriam*

C.

interviessem

Em relação à frase c), os participantes D, H, K e L escolheram alternativa correta B e, os outros participantes A, B, C, E, F, G, I e J escolheram a opção incorreta, A, como se apresenta a seguir em:

c) *Os guardas municipais deteram os ladrões da moto.

A. *deteram*

B. *detiveram*

C. *detiverão*

Olhando para as respostas apresentadas pelos participantes, em relação à frase da alínea a), isto é, sobre o uso do verbo *prever*, mais uma vez, tem-se a conclusão de que há fraco domínio de conjugação deste verbo, visto que a opção correta para a situação descrita seria a alternativa A. Com efeito, a forma verbal “*previa*” apresentada na alternativa escolhida pela maior parte dos participantes não é adequada, ou melhor, esta forma verbal não concorda com a locução verbal “*pudesse acontecer*”, permitindo que a frase seja agramatical.

Mais do que isso, em relação às frases das alíneas b) e c), as respostas atestam que os participantes não demonstram ter conhecimento sólido sobre as regras de conjugação dos verbos derivados *intervir* e *deter*, fato que permite concluir que os participantes não sabem conjugar os verbos *intervir* e *deter*, uma vez que estes escolheram a alternativa incorreta, assim como atesta Tufano (1998, p. 205), ao dizer que “a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *intervir* é *interveio*, pois este verbo é derivado do verbo *vir*.”

Dessa forma, pode acrescentar-se a essa ideia que a conjugação dos verbos derivados, como se avançou nos pretéritos parágrafos, em 2.2.1, como é o caso de *intervir*, *deter*, *prever*, entre outros, tem de ser feita considerando-se os seus verbos de origem e, quando não se obedece a este critérios, tem-se situações e/ou sentenças linguísticas agramaticais, ou, como se pode apelidar de “sentenças não linguísticas”, nesta pesquisa, uma vez que em língua, tanto falada, como escrita, não se deve expressar.

Ainda a esse respeito, Coimbra & Coimbra (2002, p. 68) explicam que “os verbos *fazer*, *pedir*, *ver* e *vir* são irregulares e, como tal, os seus derivados seguem o mesmo modelo de conjugação”. E, olhando para este posicionamento, pode dizer-se que a conjugação dos verbos *prever* e *deter* também segue a mesma regra, não devendo ser ignorada pelos falantes no exercício de conjugação.

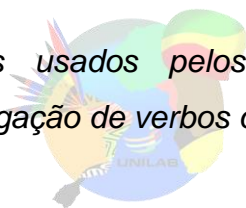
3.2 Resultados das entrevistas aos professores

Propostas didático-pedagógicas dos professores de Língua portuguesa face às dificuldades de conjugação de verbos pelos estudantes finalistas para minimizar situações que se observam no dia-a-dia em contexto, tanto formal, como informal.

Relativamente à esta variável da entrevista, importa referir que as respostas dos professores participantes foram diversificadas, onde o participante M disse que propõe exercícios de derivação de palavras e exercícios de família de palavras. Por outro lado, o participante N disse que tem recomendado muita leitura de obras literárias e gramáticas para superar diversas dificuldades, tanto de leitura, como de conjugação verbal nos discursos e, o participante O disse que tem incentivado os estudantes a terem mais contato com os verbos irregulares, a partir de exemplos ou frases, que se empregam os verbos derivados.

De acordo com as respostas acima apresentadas, verifica-se que a abordagem dos verbos derivados, por parte dos professores de Língua portuguesa é feita de forma superficial, isto é, os professores dão recomendações de exercícios aos estudantes, mas estes professores não colaboram com os estudantes na sua resolução prática, ou seja, não demonstram um acompanhamento de modo a verificar se os estudantes estão realmente envolvidos nas atividades ou se apresentam uma evolução na conjugação dos verbos derivados em vários tempos e modos.

Recursos didáticos ou materiais usados pelos professores para garantir uma aprendizagem significativa de conjugação de verbos derivados em vários tempos e modos verbais



No que diz respeito à esta variável, vale referir que as respostas dos participantes foram, de certa forma, unânimes, onde o participante M disse que tem usado o quadro preto, jogo de palavras, mediante o seu processo de derivação, especialmente, os verbos derivados. O professor participante N disse que, constantemente, tem usado Gramáticas, livro do estudante e outros recursos, como a internet e dicionários em formato físico e digital e, o professor participante O disse que, para garantir uma aprendizagem significativa de conjugação dos verbos derivados, tem recorrido às Gramáticas de Língua portuguesa.

Com efeito, a partir das respostas fornecidas pelos professores, observa-se que, para além do livro do estudante, se afiguram as Gramáticas de Língua portuguesa, pois estes recursos didáticos ajudam na aprendizagem do estudante, embora o professor use primeiro o quadro como recurso didático. Esta constatação leva a concluir que os recursos usados pelos professores participantes não são suficientes para garantir uma aprendizagem significativa de conjugação de verbos derivados pelos estudantes, uma vez

que estes materiais ou recursos não permitem a participação de todos os estudantes nas atividades, em contexto de sala de aulas.

Estratégias usadas pelos professores para estimular os estudantes a construírem conhecimento crítico e reflexivo na abordagem dos verbos derivados

Em relação a esta variável, de salientar que as respostas foram diversificadas, o professor participante M disse que tem usado listagem de verbos no quadro. O professor participante N afirmou que tem usado estratégia de leitura e compreensão de texto, em seguida passa para a abordagem de assuntos relacionados com o funcionamento de língua e, o professor participante O acrescentou que, para além de exercícios programados no plano curricular, tem organizado jogos, em que cada grupo fica com um verbo derivado para conjugar em todos tempos e modos e, o grupo, que se sair melhor no jogo, recebe prémio, como uma forma de incentivá-los.

As respostas acima mostram que as estratégias usadas pelos professores, na abordagem dos verbos derivados, têm sido superficiais, uma vez que não permitem que os estudantes construam conhecimento crítico, embora incluam jogos lúdicos com premiação, sendo que o assunto do funcionamento da língua é diversificado, isto é, não foi muito bem especificado, tendo em conta que os conteúdos da conjugação verbal, especialmente, os verbos derivados, são complexos e requerem atenção e foco para uma aprendizagem significativa.

Avaliação feita pelos professores sobre a conjugação dos verbos derivados em vários tempos e modos verbais pelos estudantes em contexto de sala de aulas

Quanto a esta variável, de certa forma, as respostas foram unânimes, uma vez que os professores fizeram uma avaliação do ponto de vista positivo, o professor participante M disse que os estudantes conheciam tais verbos, mas precisavam de uma estimulação para que aprimorassem o conhecimento. O professor participante N disse que a avaliação era positiva, embora reconhecesse haver dificuldades superáveis. Entretanto, os estudantes apresentavam dificuldades de conjugação de verbos derivados em vários tempos e modos verbais, por um lado, devido aos programas que não dão primazia à conjugação de verbos, por outro, por falta de espaço de tempo, por parte dos próprios estudantes e, a criatividade dos professores de Língua portuguesa. E, o professor participante O afirmou que, quando foram introduzidos os jogos de conjugação dos verbos

em grupos, os estudantes demonstravam certa evolução na conjugação de alguns verbos derivados.

Nesse contexto, embora as respostas acima apontem para uma avaliação positiva sobre a abordagem dos verbos derivados, ainda há fragilidade, porque se reconhece a falta de criatividade dos professores para estimular os estudantes a desenvolverem uma aprendizagem significativa na conjugação dos verbos derivados, por outro lado, os professores não dão muita primazia à conjugação dos verbos derivados, justificando que é por falta de espaço de tempo e pelo fato dos programas de ensino não incluírem estes conteúdos. Portanto, esta constatação permite concluir que há ainda um trabalho a ser feito para que os estudantes aprimorem a conjugação de verbos, tanto os primitivos, como os seus derivados, uma vez que a avaliação feita pelos professores é duvidosa.

Considerações finais

A pesquisa centrou-se nos verbos *intervir*, *deter* e *prever* derivados dos verbos primitivos *vir*, *ter* e *ver*, respetivamente, com o qual se procurou apresentar as razões do fraco domínio de conjugação destes verbos pelos falantes do Português L2, na cidade de Chimoio e, em virtude disso, verificou-se que, de fato, os participantes conjugam erradamente os verbos derivados, aplicando o modelo de conjugação dos verbos regulares, o que, de certa forma, não é correto, uma vez que os verbos derivados *intervir*, *deter* e *prever* são conjugados, como se disse anteriormente, da mesma forma que os verbos irregulares *vir*, *ter* e *ver*, respetivamente, pois, estes são os seus primitivos.

Com efeito, isso mostra que os participantes não conhecem as regras de conjugação desses verbos, seja de forma oral ou escrita, resultando em frases agramaticais. Ainda, verificou-se que, embora os participantes usem a Língua portuguesa no contexto de ensino-aprendizagem, eles apresentam dificuldades na conjugação de verbos, fato que deixa a desejar no seio dos professores de Língua portuguesa na cidade em apreço. Por outro lado, as estratégias usadas pelos professores na abordagem desses verbos têm sido superficiais, não permitindo que os estudantes tenham conhecimento sólido de conjugação verbal.

Sendo assim, este fato, em conformidade com os dados analisados, permite concluir que o uso generalizado das regras de conjugação de verbos regulares e o não aprofundamento das particularidades dos verbos derivados em contexto de sala de aulas por parte dos professores contribuem para o fraco domínio de conjugação dos verbos em alusão.

Portanto, estes resultados demonstram que as razões do fraco domínio da conjugação dos verbos derivados pelos falantes do Português L2 em contexto de sala de aulas resumem-se no não conhecimento das regras gramaticais de conjugação dos verbos irregulares e a fraca incidência na abordagem dos verbos derivados em sala de aulas por parte dos professores, devido à fraca leitura das Gramáticas de Língua portuguesa por parte dos estudantes e às estratégias usadas pelos professores em contexto de sala de aulas.

Referências

- Bechara, E. (2009). **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Chaha, B. J. J. (2023a). Uso de *perca* e *perda* pelos falantes do Português em Moçambique. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v. 3 n. 1, p. 140-155, jan/jun. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1117>. Acesso em 05 jan. 2023.
- Cipro Neto, P. & Infante, U. (2008). **Gramática da Língua Portuguesa**. 9. ed. São Paulo: Scipione.
- Coimbra, O. M. & Coimbra, I. (2002). **Gramática Ativa**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Cunha, C. F & Cintra, L. F. L. (2017). **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.
- Figueiredo, O. M. & Bizarro, R. P. (2004). **Da palavra ao texto**. Lisboa: Asas Editores.
- Figueiredo, E. B. De. & Figueiredo, O. M. (2001). **Itinerário Gramatical: A Gramática na Língua e a Língua no Discurso**. Lisboa: Porto Editora.
- Monteiro, D. & Pessoa, B. (1999). **Guia Prático dos Verbos Portugueses**. Lisboa: Lidel.
- Pinto, J. M. C. & Lopes, M. C. V. (2003). **Gramática do português moderno**. 4. ed. Lisboa: Plátano Editora.
- Sardinha, L. & Ramos, V. (2004). **Prontuário e verbos conjugados**. 2. ed. Lisboa: Plátano Editora.
- Tufano, D. (1991). **Curso Moderno de Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Moderna.

Recebido em: 12/06/2024

Aceito em: 29/09/2024

Para citar este texto (ABNT): CHAHA, Bonete Júlio João. Conjugação de verbos derivados pelos falantes do Português L2 em contexto de sala de aulas em Moçambique: caso dos verbos intervir, deter e prever. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial II, p.101-116, set. 2024.

Para citar este texto (APA): CHAHA, Bonete Júlio João. (set. 2024). Conjugação de verbos derivados pelos falantes do Português L2 em contexto de sala de aulas em Moçambique: caso dos verbos intervir, deter e prever. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 101-116.



Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>